

A HISTÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Nereide S. Santa Rosa



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



O Projeto Editorial desenvolvido pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul é uma das linhas de ação da instituição, que conta com o Museu Histórico Municipal, a Pinacoteca Municipal e o Centro de Documentação Histórica, e que ganha dinâmica novamente chegando a mais uma publicação.

A produção editorial da Fundação Pró-Memória teve início em 1998, com o livro *Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no Século XIX*, de autoria do sociólogo José de Souza Martins, e consiste em um instrumento de reconhecimento e valorização do patrimônio cultural de São Caetano do Sul.

A produção de informação histórica e de memória, enquanto ação de preservação, e disseminada ao público, contribui para a construção da identidade social do município, democratizando e valorizando aspectos de nosso passado.

Um dos elementos fundamentais da constituição de um cidadão é sua capacidade de sentir-se pertencente a um grupo que compartilha sentimentos, signos, tradições, enfim, que compartilha sua história. A Fundação Pró-Memória cumpre este papel.

A HISTÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Nereide S. Santa Rosa

Ilustrações de Roberta Giotto

São Caetano do Sul
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
2019

1ª Edição - 2ª Reimpressão



**Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul**

Presidência: Charly Farid Cury

Coordenação Geral: Márcia Gallo

***A história de São Caetano do Sul*
de Nereide S. Santa Rosa**

Ilustrações, projeto gráfico e diagramação: Roberta Giotto

Revisão: Paula Fiorotti

Apoio à pesquisa histórica: Cristina Toledo de Carvalho e Monica lafrate

Fotografia: Antonio Reginaldo Canhoni

1ª Edição - 2ª Reimpressão (2019)

Ficha catalográfica

Santa Rosa, Nereide Schilaro

S222h **A história de São Caetano do Sul / Nereide Schilaro Santa Rosa;**
Ilustrações de Roberta Giotto. – 1ª ed. - 2ª reimp. – São Caetano do Sul: Funda-
ção Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2019. 40 p. : il.

- 1 . Literatura infantojuvenil – História de São Caetano do Sul
- 2 . São Caetano do Sul.

CDD 028.5

Ficha elaborada por Jussara Ferreira Muniz

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-86788-36-9



9 788586 788369


A HISTÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Este livro foi escrito para o público infantojuvenil e conta a história do município de São Caetano do Sul, destacando os personagens que até hoje simbolizam cada etapa desta jornada.

Ao longo dos anos, muitos passaram pelo território de São Caetano: indígenas, escravos, bandeirantes, monges, imigrantes e migrantes.

Juntos, vamos fazer uma viagem no tempo para conhecê-los.
Venha comigo!

A autora



Avenida
TIJUCUSSU

São Caetano do Sul

VOCÊ SABIA?

Toda palavra derivada do tupi, que tenha o som de SS, escreve-se com Ç. Mas muitas são grafadas com SS. A palavra tijucuçu é um exemplo. Dá nome a uma das principais vias de nossa cidade, a Avenida Tijucussu.

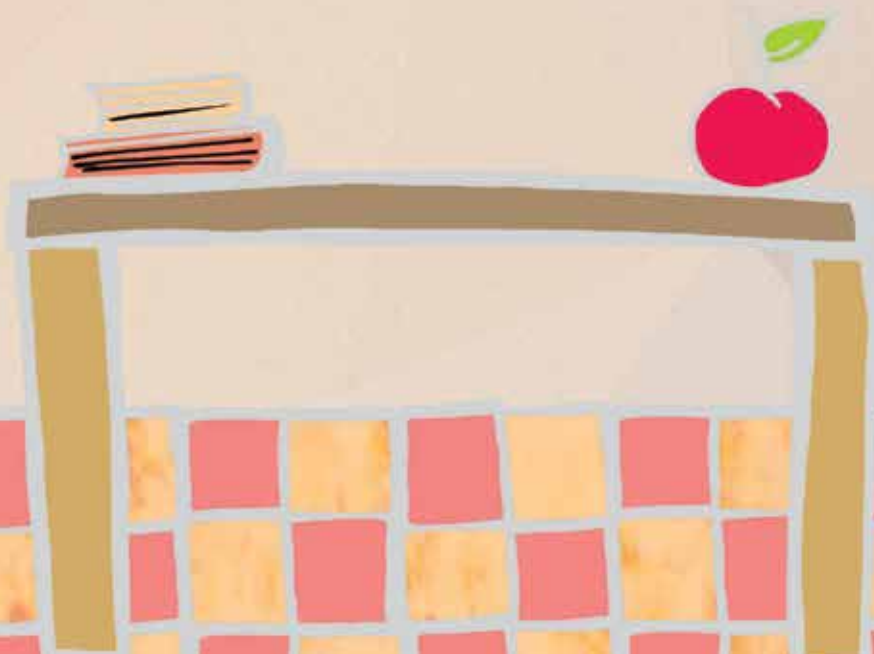
Numa bela tarde de outono, Mari, Jorge e Cacá resolveram voltar a pé da escola para casa. Naquele dia, Cacá não estava com sua bicicleta, pois a havia deixado na oficina para arrumar a corrente. Mari e Jorge também não pegaram o ônibus e resolveram acompanhar Cacá pelo caminho.

Os três caminhavam pela rua quando pararam em uma esquina para atravessar uma avenida. Enquanto esperavam, Cacá leu a placa com o nome da rua: "Avenida Tijucussu".

- Vocês repararam no nome dessa avenida? - disse ele.
- Está escrito Tijucussu. - falou Mari.
- Que nome engraçado! - disse Jorge. - Parece nome de sorvete!
- Você só pensa em comer e comer! - falou Mari, dando uma risada. - Esse nome deve ser importante, pois alguém batizou uma avenida de nossa cidade.
- Fiquei curioso. Ainda vou descobrir o que significa esse nome. - falou Cacá, quando já estavam chegando em casa.

CACÁ





No dia seguinte, Cacá foi para a aula com sua bicicleta e passou novamente na mesma avenida. Ainda intrigado, logo que chegou à escola, foi perguntar para a professora o que significava a palavra tijucussu.

A professora deu um sorriso e disse:
– Você acaba de me dar uma ótima ideia! Em vez de te responder, vou conversar com a classe toda.

Cacá olhou pra ela admirado e foi sentar em seu lugar na classe.

– Atenção pessoal! - falou a professora.
– A tarefa desta semana será pesquisar a história de nossa cidade, São Caetano do Sul. Na próxima sexta-feira, todos deverão entregar uma redação contando essa história.

Nesse instante, Cacá percebeu que essa era a "ótima ideia" da professora. E concluiu que a palavra tijucussu deveria ter relação com essa tarefa.

No final do dia, ao retornar pela avenida, Cacá parou a bicicleta, fotografou a placa com o nome e pensou: – Vou escrever uma redação bem legal! Vou colocar fotos antigas, criar alguns personagens, perguntar para os moradores e ler livros na biblioteca.

E foi assim que Cacá começou a escrever a sua redação.



"Há muito, muito tempo quando o Brasil ainda não era conhecido por esse nome e seus habitantes eram as tribos indígenas, nossa cidade ainda não existia.

Nesse tempo, os indígenas caminhavam pelos campos e florestas e quando encontravam uma área que achavam boa, geralmente perto de um rio, acampavam e moravam ali por um tempo.

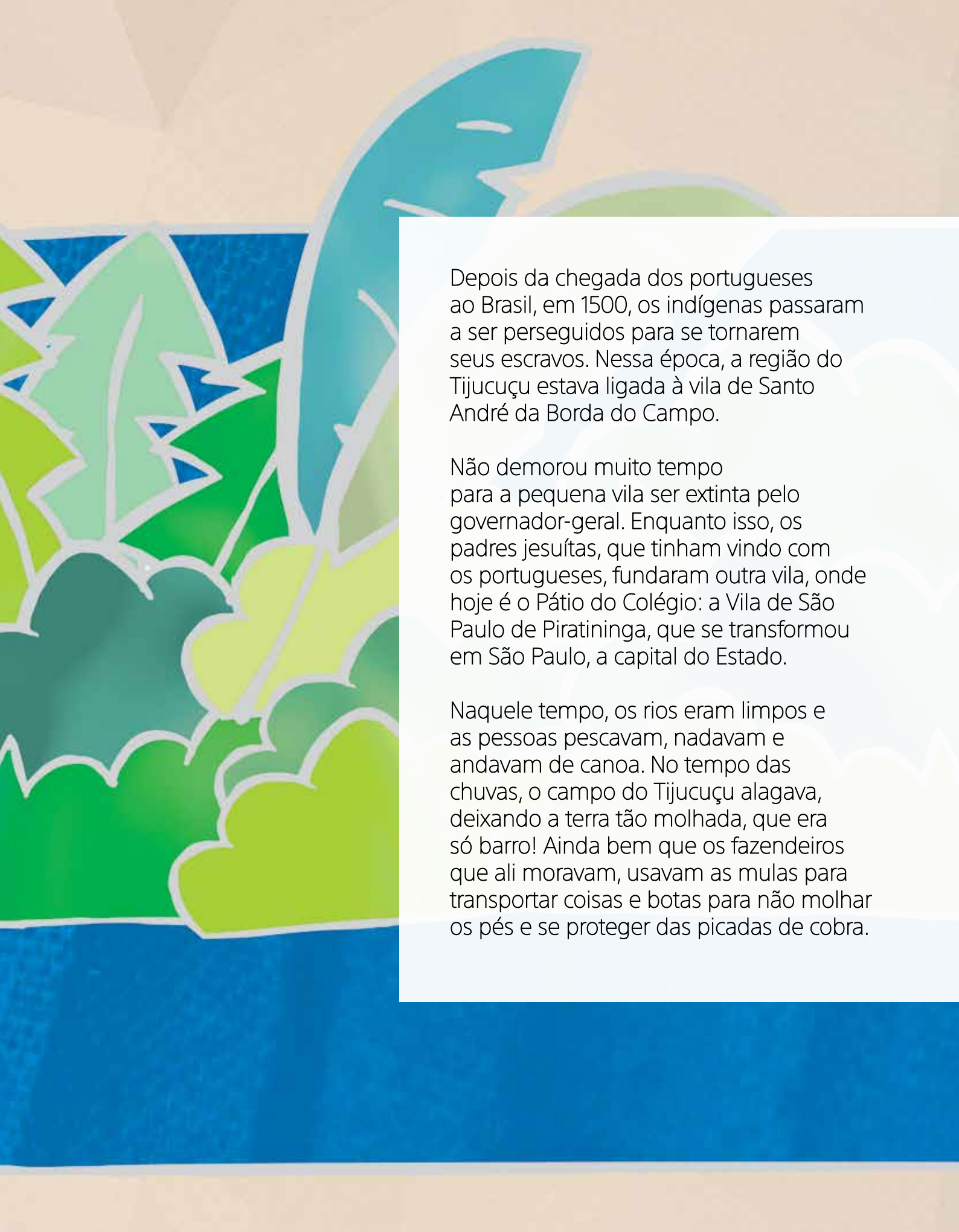
Certa vez, um desses grupos resolveu morar num lugar ladeado pelo Rio Tamanduateí e pelo Córrego dos Meninos, o que não era fácil porque sempre aconteciam alagamentos. Mesmo assim, eles ficaram por ali e passaram a chamar esse lugar de Tijucuçu, palavra que significa grande lamaçal ou barreiro grande.

Meu nome é Itaussu ou Pedra do Campo. Sou um guerreiro tupi e vivo com meu povo numa aldeia perto de um rio. Os antigos de minha tribo chamam esse rio de Tamanduateí, ou Rio dos Tamanduás. Na nossa terra existe muito barro: é um campo grande, que nós batizamos de Tijucuçu, ou barreiro grande. Por muitos e muitos anos vivemos tranquilos em nossa aldeia, trabalhando e pescando. Até que... um dia chegaram pessoas estranhas que nos expulsaram de nossas terras, escravizando nosso povo. E a história começou a mudar em Tijucuçu.

ITAUSSU







Depois da chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, os indígenas passaram a ser perseguidos para se tornarem seus escravos. Nessa época, a região do Tijucuçu estava ligada à vila de Santo André da Borda do Campo.

Não demorou muito tempo para a pequena vila ser extinta pelo governador-geral. Enquanto isso, os padres jesuítas, que tinham vindo com os portugueses, fundaram outra vila, onde hoje é o Pátio do Colégio: a Vila de São Paulo de Piratininga, que se transformou em São Paulo, a capital do Estado.

Naquele tempo, os rios eram limpos e as pessoas pescavam, nadavam e andavam de canoa. No tempo das chuvas, o campo do Tijucuçu alagava, deixando a terra tão molhada, que era só barro! Ainda bem que os fazendeiros que ali moravam, usavam as mulas para transportar coisas e botas para não molhar os pés e se proteger das picadas de cobra.



Nessa época existiam pessoas corajosas que se organizavam em grupos e expedições para viajar ao interior do país, desbravando terras, buscando ouro e escravizando os indígenas que encontrassem. Eles ficaram conhecidos como bandeirantes.

Um deles, o Capitão Duarte Machado, possuidor de terras no Tijuçu, acompanhou uma grande expedição organizada pelo bandeirante Nicolau Barreto em 1602. Em 1631, o mesmo Capitão Duarte Machado resolveu doar sua terra para os monges do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, assim como fez o bandeirante Fernão Dias Paes, outro dono de uma parte do Tijuçu.

Meu nome é Capitão Machado. Sou o dono de uma parte das terras conhecidas como Tijuçu. Sou forte, corajoso e gosto de aventuras. Participo de expedições para lugares desconhecidos, cheios de perigo. Procuo novas terras, ouro e pedras preciosas, e capturo indígenas para servirem de escravos em minhas fazendas. Resolvi doar as terras do Tijuçu para os monges que vivem em São Paulo, no Mosteiro de São Bento. Acredito que eles vão aproveitar melhor esse lugar!

**CAPITÃO
MACHADO**



VOCE SABIA?

São Caetano di Thiene nasceu em Vicenza, em 1480, filho do Conde Gaspar di Thiene e de Maria del Porto, e faleceu em Nápoles, em 1547. Ele era padre e fundou uma congregação chamada Teatinos.



Arquivo/Museu Histórico Municipal -
Fundação Pio-Memória de São Caetano do Sul



Assim nasceu a grande Fazenda Tijucuçu dos monges beneditinos, que se desenvolveu e passou a se chamar Fazenda de São Caetano, por conta de uma pequenina capela ali construída em louvor a este santo.



Monges beneditinos tomam posse das terras doadas por Duarte Machado, localizadas no Tijucuçu, atual São Caetano do Sul

Acervo/ Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



In: Martins, José de Souza, São Caetano do Sul em IV Séculos de História

A origem da atual Igreja São Caetano (Matriz Velha) remonta à fundação da primitiva capela dedicada ao santo São Caetano entre os anos de 1717 e 1720, neste mesmo local. Em 1992, após escavações arqueológicas realizadas em seu entorno, foi descoberto o piso da capela de 1777, que está exposto em uma vitrine ao lado da igreja. Na imagem, a Paróquia São Caetano em foto de 1969

Meu nome é monge Gaspar. Eu moro no Mosteiro de São Bento, na Vila de São Paulo. Eu e os outros monges fomos convocados para tomar posse das terras do Tijucuçu. Fomos lá conhecer o lugar e resolvemos transformá-lo em uma grande fazenda. Levou certo tempo, mas logo tivemos a ideia de fundar uma capela. Escolhemos um santo italiano chamado São Caetano Di Thiene para ser o padroeiro. Afinal, ele é o protetor do trabalho e do pão, duas coisas que fazemos muito na nossa fazenda.

MONGE GASPAR





Os monges de São Bento descobriram que as terras úmidas do Tijucuçu forneciam barro de boa qualidade e começaram a fabricar tijolos, telhas e louças. A produção era transportada em canoas pelo Rio Tamanduateí até São Paulo, e descarregada no Porto Geral, próximo de onde hoje está localizada a conhecida Rua 25 de Março.

*Ladeira Porto Geral, óleo sobre tela,
Antonio Ferrigno, 1893*



Acredito que nosso santo São Caetano nos ajudou, porque a fazenda se desenvolveu. Começamos a produzir e a vender objetos feitos com o barro que retirávamos do chão. Eu e os outros monges trabalhávamos muito para vender a nossa produção em São Paulo, bem ali perto do nosso mosteiro, no porto que ficava na beira do Rio Tamanduateí. No começo tínhamos apenas indígenas que trabalhavam na olaria, mas logo chegaram os escravos africanos, que nos ajudavam na produção e no transporte dos objetos.



VOCÊ SABIA?

A Lei Áurea libertou
todos os escravos
no Brasil no dia
13 de maio de 1888.



Os monges libertaram os seus escravos em 1871, 17 anos antes da Lei Áurea, o que fez com que a produção de tijolos diminuísse muito. Algum tempo depois, a fazenda foi desapropriada pelo Imperador Dom Pedro II.



Meu nome é Kizua. Sou africano, filho de Angola, minha terra na África. Fui trazido para o Brasil, preso num navio, assim como aconteceu com milhares de africanos escravizados. Não escolhi este país para viver. Fui acorrentado, preso e obrigado a vir para cá. Agora que estou aqui, moro na Fazenda de São Caetano, dos monges beneditinos. Eu e os outros africanos trabalhamos na olaria da fazenda, produzindo telhas e tijolos, que levamos para São Paulo em canoas pelo Rio Tamanduateí. Mas, depois de tantos anos de trabalho, soubemos que nosso sofrimento vai acabar. Os monges trouxeram a notícia de que nós estamos livres. E todos comemoraram! Digo que este é o dia mais feliz de minha vida. Agora posso ter minha família e trabalhar para sustentá-la. Viva São Caetano!

KIZUA

VOCÊ SABIA?

O Museu Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga, foi construído em 1895 com os tijolos das olarias dos italianos que viviam no Núcleo de São Caetano!



Olaria de Benedito Moretti em 1912

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Após a desapropriação, o governo imperial criou o Núcleo Colonial de São Caetano e para cá mandou imigrantes italianos para ocupar as terras da antiga fazenda.

Os primeiros chegaram no dia 28 de julho de 1877. Vieram da região do Vêneto, terra do santo São Caetano, partindo da cidade de Gênova. Assim como os monges, os italianos também aproveitaram o barro da região para fazer olarias, e se tornaram grandes fornecedores de telhas e tijolos para São Paulo.

Acervo/Pinacoteca Benedito Calixto, Santos



Rancho grande dos tropeiros, óleo sobre tela, Benedito Calixto, sem data

Meu nome é Henriqueta. Sou italiana e nasci na região do Vêneto. Quando era jovem, eu e minha família soubemos que o governo brasileiro estava incentivando a vinda de imigrantes para o Brasil. Ao saber disso, nós gostamos da ideia de mudar de país e tentar uma nova vida do outro lado do oceano. Embarcamos num navio chamado Europa, no porto de Gênova, na Itália. Depois de quase um mês, aportamos em Santos. Dias depois, fomos levados a nossa nova casa: a antiga Fazenda de São Caetano. Soubemos que, antigamente, essas terras pertenciam aos monges, mas após a abolição dos escravos, a produção diminuiu tanto que o governo imperial comprou a fazenda. Eu e minha família ganhamos um lote e, assim como os meus conterrâneos, começamos a cultivar a terra e, depois, passamos a fabricar telhas e tijolos em novas olarias.

HENRIQUETA





No começo do século 20, alguns moradores começaram a vender suas terras e surgiram as primeiras indústrias, trazendo operários de várias regiões do país em busca de emprego e trabalho. Juntas, as fábricas Matarazzo, Cerâmica e outras, tinham muitos funcionários, trazendo grande desenvolvimento para a região. E São Caetano não parou mais de crescer. Em 1924, foi criada a primeira paróquia local.

Meu nome é Zeferino. Sou pernambucano, sim senhor! E sabem por que estou nesta história? Tenho orgulho em dizer que viajei da região Nordeste do Brasil até São Paulo, e fui trabalhar na indústria Matarazzo, em São Caetano do Sul. Tenho um amigo que trabalha na fábrica Cerâmica. Juntas elas têm milhares de operários!!! Há trabalho e desenvolvimento! São Caetano está crescendo! Mas fazer parte do município de Santo André é uma situação que os moradores não aceitam mais.




Portão principal da Cerâmica São Caetano em 1949

ZEFERINO



AUTONOMIA





Com o progresso, os moradores resolveram que São Caetano tinha que se separar oficialmente de Santo André. E começaram um movimento pela independência do município. Levou algum tempo até isso acontecer. No ano de 1946, o *Jornal de São Caetano* começou a organizar uma campanha pela autonomia. Em 1948, a população participou de uma votação para decidir se São Caetano ficaria independente de Santo André.

*Meu nome é Mario. Moro em São Caetano, e assim como muitos amigos, estou lutando para criar o nosso município. Somos conhecidos como os autonomistas. Para que o movimento crescesse, eu, o Walter e o Luiz, fundamos o *Jornal de São Caetano*, fazendo uma campanha que ficou conhecida como o Movimento Autonomista. Começamos a colher assinaturas da população a favor da separação da cidade de Santo André. Foi um sucesso! Tivemos milhares de assinaturas e o governo do Estado teve que convocar um plebiscito para cada morador votar sim ou não para a emancipação.*

MARIO



AUTONOMIA



Comissão de autonomistas na Assembleia Legislativa de São Paulo em 23 de abril de 1948

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

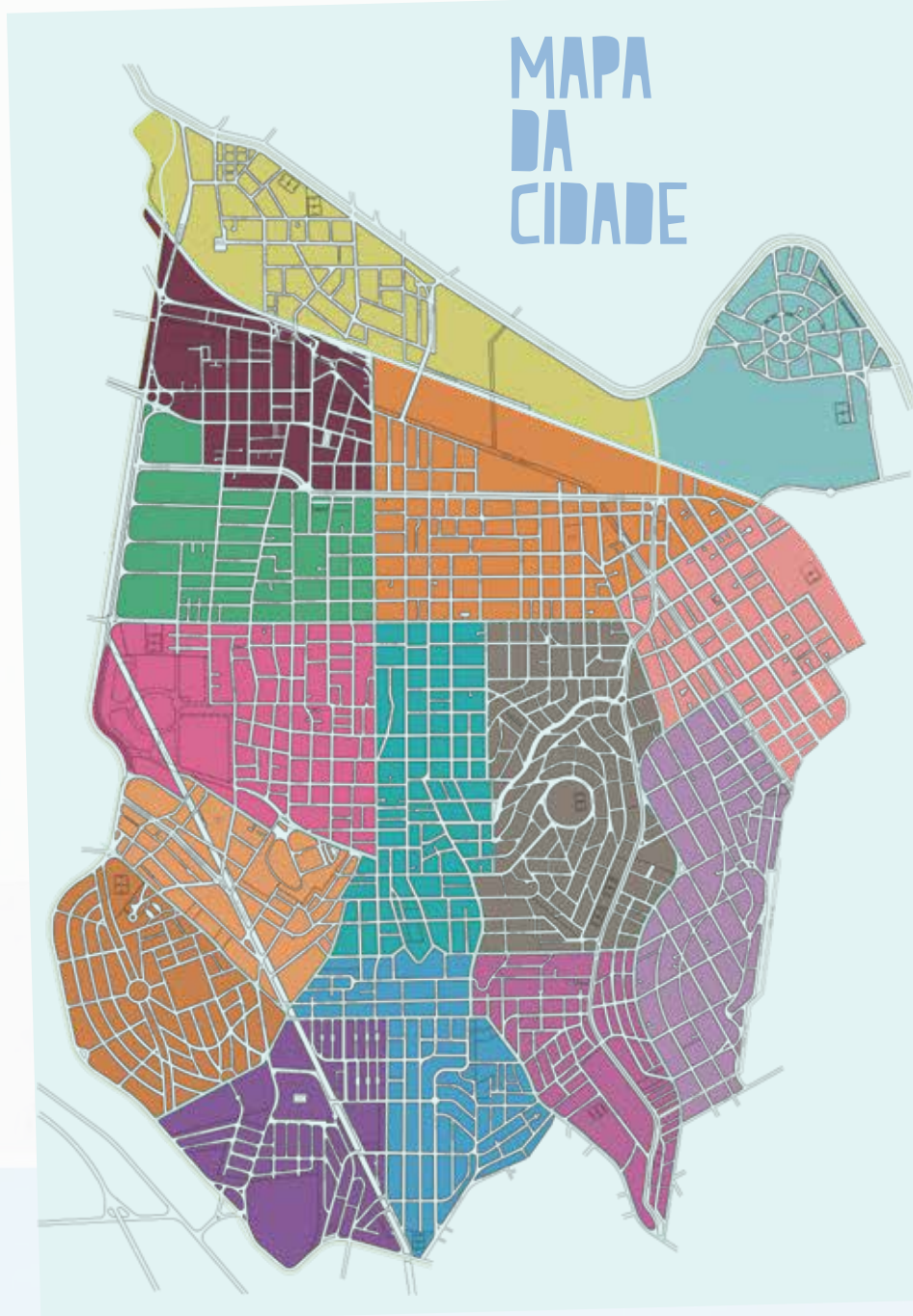
VOCÊ SABIA?

São Caetano é do Sul para se diferenciar da cidade São Caetano que existe no Nordeste do Brasil.

No dia 24 de outubro de 1948, o povo votou sim! São Caetano se tornou município e passou a se chamar São Caetano do Sul.

Assim termina essa história. Foi muito legal escrever sobre a minha cidade, São Caetano do Sul. Agora quando eu passear pelas suas ruas e avenidas, sempre lembrarei dos personagens que fizeram a sua história.”

- Bairro da Fundação
- Bairro Centro
- Bairro Santo Antônio
- Bairro Santa Paula
- Bairro Barcelona
- Bairro Olímpico
- Bairro Oswaldo Cruz
- Bairro Cerâmica
- Bairro Boa Vista
- Bairro Santa Maria
- Bairro Jardim São Caetano
- Bairro Nova Gerty
- Bairro Mauá
- Bairro Prosperidade
- Bairro São José





Cacá terminou de escrever e estava relendo a sua redação, quando a sua mãe chegou e foi logo perguntando o que ele estava fazendo.

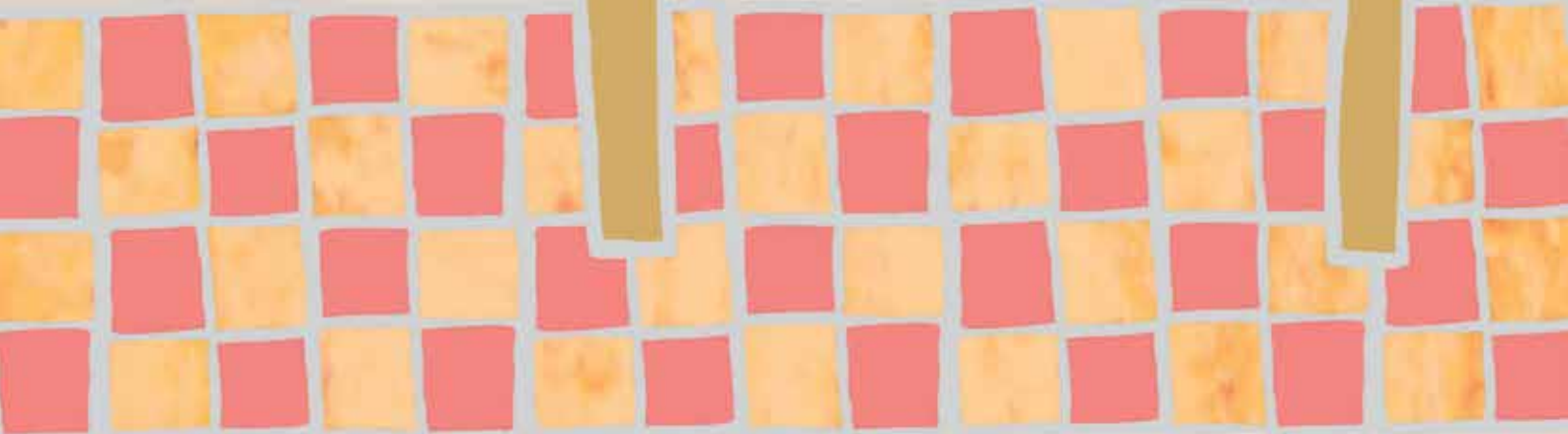
Quando mostrou a redação, ela a leu com interesse. Ao final, seus olhos estavam brilhantes de alegria e emoção.

Emocionada, deu um abraço apertado em seu filho.

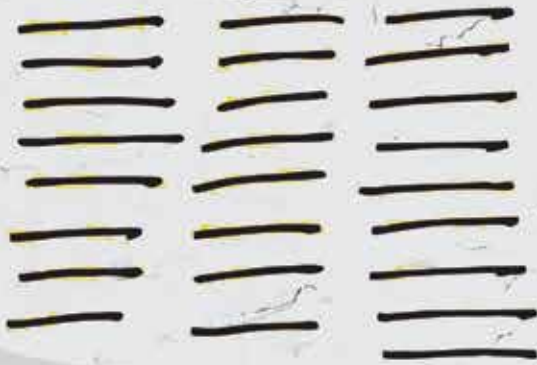
Cacá não estava entendendo nada! E sua mãe lhe explicou:

– O seu bisavô foi um dos primeiros italianos que chegaram a São Caetano. Ele sempre me contava as histórias da viagem vindo da Itália, como era o navio, e como foi difícil chegar numa terra desconhecida. Assim como ele, outras famílias enfrentaram muitas dificuldades, mas permaneceram aqui, resistindo e trabalhando. Foi assim que São Caetano cresceu: formada por raízes fortes e firmes, por pessoas que lutaram por esta terra, e que aqui tiveram seus filhos. Assim como eu, que tenho você, meu pequeno Caetano! - E deu um beijo estalado na bochecha de Cacá.



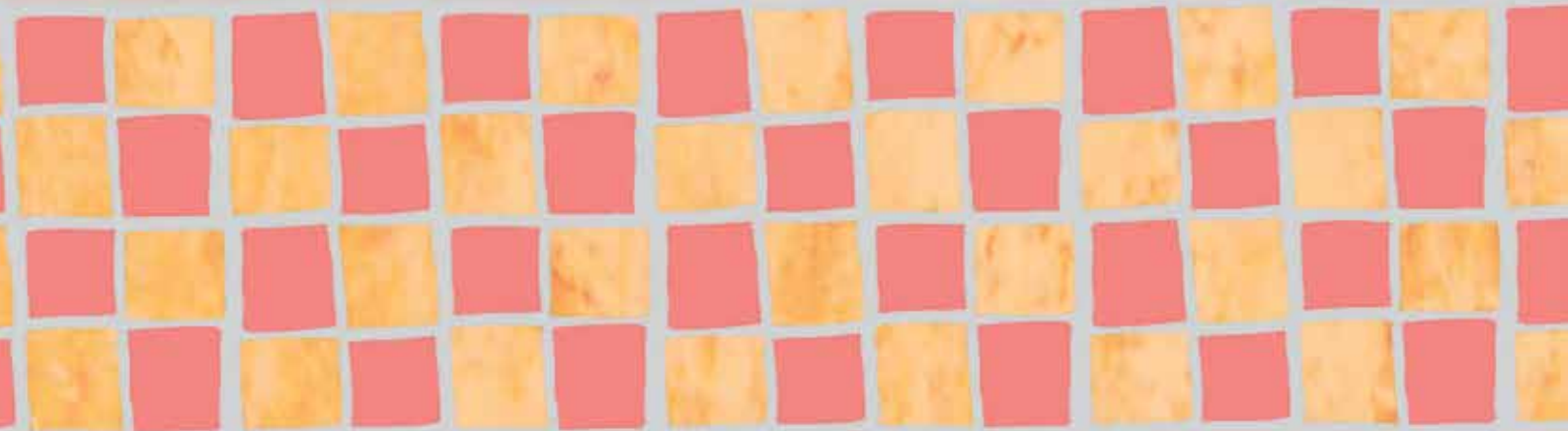


JORNAL DA escola



Dias depois, quando Cacá leu sua redação para a professora, foi um sucesso! O pessoal gostou tanto que sua história foi publicada no jornal da escola.

Cacá ficou orgulhoso. Afinal, escrever sobre a própria cidade é escrever sobre si mesmo!



Todos os
PERSONAGENS
deste livro podem
ganhar vida em suas
brincadeiras.
**Recorte, cole e
divirta-se com
a história de São
Caetano do Sul!**

Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Série Cadernos de História, Documenta e Ensaios

Direção: Charly Farid Cury

Volumes Publicados:

1. José de Souza Martins, Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.

2. 8º Grupamento de Incêndio 32 anos de História. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.

3. Yolanda Ascencio, Meio século de Legislativo em São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998. 2ª edição revista e ampliada, 1999.

4. Sonia Maria Franco Xavier (org.), Jayme da Costa Patrão: ...um traço marcante na autonomia. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.

5. Rui Ribeiro, Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.

6. Guido Carli, Stí àni gera...cussi (Antigamente era assim). São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.

7. Agvan de Andrade Matos, Rosemeire Bento Simões (org.), Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: Escola Estadual Laura Lopes, 1999.

8. Anais do III Congresso de História do ABC. A Sombra das Chaminés. A Produção da Cultura no ABC. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.

9. Deliso Villa, História Esquecida. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2000.

10. Eliane Mimesse, A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001.

11. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Um olhar poético sobre São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2002.

12. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Vozes da Vizinhança – Os bairros de São Caetano por seus moradores. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2003.

13. José de Souza Martins, O Imaginário na Imigração Italiana. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2003.

14. Mario Del Rey, História da Maçonaria em São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.

15. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Jardins de Infância: registros das escolas infantis de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.

16. Alexandre Toler Russo, Caminhos da Fé. Itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004.

17. Mário Porfírio Rodrigues, Um Jornal, Uma Vida – A saga do Jornal de São Caetano e outros mais. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2005.

18. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Cantos e Recantos. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2006.

19. André Luis Balsante Caram e Neusa Schilaro Scaléa, Pegoraro. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2006.

20. Priscila Gorzoni, Abre as portas para os Santos Reis. A história da Folia de Reis em São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2006.

21. Aleksandar Jovanovic (org.), Das chaminés à Robótica. Cinquenta anos do Ciesp - São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2007.

22. Urames Pires dos Santos, Memórias de um Engenheiro da Cerâmica São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2013.

23. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, General Motors do Brasil e de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.

24. José de Souza Martins, Diário de uma Terra Longina - Os "faits divers" na história do Núcleo Colonial de São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.

25. Nereide S. Santa Rosa, A História de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.

26. Cristina Toledo de Carvalho, Migrante Amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965). São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015.

27. Cristina Ortega, São Caetano em Crônicas. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2018.

Este livro integra o Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, do período administrativo 2017 – 2020 (prefeito José Auricchio Jr.), cujo objetivo é resgatar a história do município e da região por meio da publicação de pesquisas e documentos inéditos.



Escritora, pedagoga e arte-educadora, **Nereide Schilaro Santa Rosa** é autora em diversas editoras e ganhadora do Prêmio Jabuti 2004, pelo melhor livro paradidático do ano. Diversas de suas publicações receberam a **lâurea Altamente Recomendável** da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. É também professora e coordenadora pedagógica da rede municipal de ensino da Prefeitura de São Paulo.



A HISTÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Nereide S. Santa Rosa



O livro convida as crianças a conhecerem o passado de São Caetano do Sul, percorrendo diversos acontecimentos que influenciaram a história local. Textos curtos, simples e objetivos, aliados a ricas ilustrações, levam os leitores a conhecerem mais a sua cidade e despertam o gosto pelo estudo da história do município. Para reforçar o conhecimento e facilitar o aprendizado, um encarte destacável traz os personagens do livro, que poderão interagir com as crianças em diversas atividades lúdicas.

A História de São Caetano do Sul é a primeira publicação do Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória direcionada ao público infantil.

